

LIMIAR

Um verdadeiro livro propõe sempre uma maneira de ser.

Um livro falso propõe sempre uma maneira de não ser.¹

Os tempos eram outros, quer para os adultos, quer para as crianças. A literatura era, também para ambos, outra. No caso concreto das leituras para os mais pequenos, na década de 40 e 50 do século passado, os livros evidenciavam um monótono e desapropriado infantilismo. Sophia de Mello Breyner Andresen (SMBA) (Porto, 1919 – Lisboa, 2004), escritora distinguida em 1992, pelo conjunto da sua obra, com o Grande Prémio Calouste Gulbenkian de Literatura para Crianças e, em 1999, com o Prémio Camões, apenas para citar dois exemplos, viveu particularmente este desconforto. De facto, em certa medida, a sua obra para crianças resultou de uma íntima reação contra tal infantilismo: «(...) Comecei a inventar histórias para crianças quando os meus filhos tiveram sarampo. (...) Mandei comprar alguns livros que tentei ler em voz alta. Mas não suportei a pieguice da linguagem nem a sentimentalidade da “mensagem”: uma criança é uma criança, não é um pateta. Atirei os livros fora e resolvi inventar. Procurei na memória aquilo que tinha fascinado a minha infância. (...) E a partir desse antigo mundo real imaginário, comecei a contar (...) Aliás, nas minhas histórias para crianças quase tudo é escrito a partir dos lugares da minha infância.»²

E é assim que, a partir de 1958, data da primeira edição de *A Menina do Mar* e de *A Fada Oriana*, veio a lume um conjunto ímpar de narrativas breves vocacionadas para os leitores mais novos (mas não só, porque possibilitam níveis de leitura ou graus de acessibilidade à mensagem muito diferenciados). Aos dois contos referidos juntaram-se *A Noite de Natal* (1959), *O Cavaleiro da Dinamarca* (1964), *O Rapaz de Bronze* (1966), *A Floresta* (1968) e *A Árvore* (1985) (volume que integra os textos «A Árvore» e «O Espelho ou o Retrato Vivo»), bem como o texto dramático *O Bojador* (1961) e, ainda, a antologia de poesia lusófona *Primeiro Livro de Poesia* (1991).

Partes integrantes do itinerário ideotemático e estético da autora, os contos de Sophia guardam um reconhecido potencial quer ao nível linguístico, estilístico ou técnico-expressivo, por exemplo, pelo ritmo harmonioso, pelo recurso expressivo a um léxico naturalista e pelo especial sensorialismo que deles emana, quer no plano das mensagens aí veiculadas ou dos tópicos ficcionados (entre estes, destacam-se a liberdade, a justiça, a igualdade, a harmonia, o altruísmo, a paz, o amor e a amizade, a condenação do material e o elogio do espiritual, o humanismo, entre outros).

As releituras dos textos supramencionados, desta vez em forma de imagem ou de arte visual, por oito ilustradores de uma nova geração – Afonso Cruz, André da Loba, Bernardo Carvalho, Gonçalo Viana, João Fazenda, Madalena Matoso, Tiago Albuquerque e Yara Kono –, atestam igualmente a intemporalidade da escrita de SMBA, além de possibilitarem uma revisitação de um *corpus* textual que integra o cânone da literatura que tem na criança e no jovem o seu destinatário preferencial. Cremos que estas ilustrações representam um meio estimulante e sensível de regresso aos universos maravilhosos recriados por Sophia nos seus livros, todos eles, sem exceção, exemplos do que a autora escreve sobre o livro infantil em geral: «O livro infantil deve ser sensível e apurado para apurar e afinar a sensibilidade da criança. (...) Deve ser um livro inteligente para desenvolver e esclarecer a inteligência e apurar o pensamento. Deve alimentar a imaginação, pois o homem não se cria só através da necessidade, mas também através do desejo. E o livro infantil deve acordar a consciência, deve acordá-la agudamente, inequivocamente, para que a criança desenvolva o sentido de responsabilidade, da liberdade e da escolha.»³

As obras de Sophia, objetos raros, ou globalmente a sua escrita, são a materialização significativa de tudo o que a autora sempre preconizou e o volume/catálogo agora editado, espelho, também ele, do Belo, da inteligência e da imaginação de todos quantos lhe dedicaram a sua arte, presta-lhe, pois, muito justamente, uma singular homenagem.

SARA REIS DA SILVA

Professora na Universidade do Minho

1. ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (1964), «Sophia de Mello Breyner Andresen refere-se à literatura para a infância e, em concreto, à sua própria obra vocacionada para crianças» in *Diário de Lisboa*, n.º 302, 14/5, 1964, pp. 17-19.

2. SOARES, Luísa Ducla (org.), (1986), *A Antologia Diferente: De que São Feitos os Sonhos*, Porto: Areal, p. 19.

3. ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner (1964), «Sophia de Mello Breyner Andresen fala-nos de literatura infantil e da sua obra de escritora para crianças» in *Diário de Lisboa*, n.º 302, 14/5, pp. 17-19.